

A EDUCAÇÃO

Organ do Gremio Normalista

*"A missão do mestre primario se me afigura
menos um adestramento litterario e artistico do
que um nobre apostolado superiormente moral e
patriotico."*—Nestor Lima.

ANNO IV



NUM. 2

Natal — Rio Grande do Norte — Brasil

SUMMARY

Dr. Nestor Santos Lima	Redacção
Pedagogia	Nestor Lima
Educação Popular	Tobias dos Santos
A Caridade	Sebastiana Damasceno
Professor Ivo	Redacção
O divórcio	Oscar Wanderley
Uma lagrima	Cecilia Rios
O ensino no Rio G Norte	Tobias dos Santos
Alma ferida	José Fabricio
A' Ma de Moura	Eulalia D. Henriques
Discurs	Miguel Monteiro
Prof. Theodulo Camara	Redacção
Noticiario	Redacção

Commissão de Redacção

Tobias dos Santos
Domitilla Noronha
José Saturnino
Elza Gabral

"Emp. Typ. Natalense, Ltd."=Praça Padre João Maria, 3

A EDUCAÇÃO

Orgam do Gremio Normalista

HOMENAGEM do Gremio Normalista ao seu emerito Director



Dr. Nestor dos Santos Lima

Dr. Nestor dos Santos Lima

Animados do mais justo orgulho, experimentamos, hoje, mais uma vez, a passagem da auspiciosa data natalícia do nosso estimado director — doutor Nestor dos Santos Lima.

Homem de fibra e caracter inquebrantáveis, o dr. Nestor Lima, de par com a sua robusta intelligencia, tem-se entregue aos assumptos da mais reputada importancia sociologica

O importantissimo problema da educação da mocidade, encontrou em s. s. um resistente pedestal. E dahi o sensível progresso por que vem passando a instrucção em nossa terra, desde o momento da sua incorporação ao magisterio publico, do qual tem feito um verdadeiro sacerdocio.

Com a difficil incumbencia de director da Escola Normal, a mais bem regimentada que conhecemos no nordeste patrio, S. S. tem posto em pratica toda a energia que lhe caracteriza, para manter intacta a fama conquistada pelo educandario, em tão bôa hora entregue aos seus cuidados.

Bem haja o governo que num rasgo de patriotismo, nos prendou com tão ope-
roso guia.

Restricto ao Regulamento da Escola, justificadamente rigoroso, dado o misticismo de sexo que a frequenta, o dr. Nestor Lima parece-nos, ás vezes, exigente demais, rigoroso em excesso, nas suas deliberações. Mas isto é resultado da nossa pouca experiencia: analysando as regras escolares, veremos que lhe sobejam razões e até mesmo procede complacentemente. E' que a contravenção não encontra apoio em s. s., e o Regulamento da Escola Normal, o unico talvez, no Brasil, olvida os direitos dos alumnos daquelle estabelecimento.

O que é o dr. Nestor Lima entre nós, alumnos da Escola Normal, somos todos a proclamar com voz unisona: PAE, EDUCADOR E AMIGO, tres caracteres bem difficeis de se encontrarem nos profissionaes de sua idade, os quaes dominados por sentimentos outros, muito mal satisfazem a segunda daquellas qualidades—a de EDUCADOR.

Elle é PAE, sim, a consciencia nos impõe uma declaração, que sabemos por muitos ignorada: o director da Escola Normal, generoso ao extremo, preocupa-se tambem com as condições economicas e financeiras do seu discipulo, amparando-o na hora difficil, procurando empregos com remuneração sufficiente para sanar a falta. Todos somos testemunhas desse acto humanitario, razão por que lh'o consideramos PAE.

Elle é EDUCADOR, como melhor o poderiam ser os que se disignam com este honroso titulo; interessando-se, muitas vezes, mais do que o proprio alumno pelo seu adeantamento, na sua classe, reina em todos uma activa alegria, provocado pelo emerito pedagogista que não se cansa em renovar nossa attenção com attractivos engenhosos.

Elle é AMIGO do alumno, dispensando-lhe tratamento lhano e affectuoso, o que cada vez mais nos prende e anima a obedecer, sem resistencia, as suas determinações justas e commedidas.

Eis a personalidade que, hoje, se destaca; eis a razão do nosso regosijo de ter ainda s. s. ao nosso lado pollindo o nosso caracter; eis finalmente porque a data natalícia do inclito educador é justo motivo de gáudio para os seus alumnos.

Ao emerito pedagogista norte-riograndense, com a mais subita honra, os nossos cordeaes parabens.



Pedagogia

*O ensino em Portugal. Os pedagogistas e pedagogos, desde João de Barros, Castilho e João de Deus até os contemporâneos. **

Portugal não teve propriamente, na época da fundação da sua monarchia, outro ensino que não fosse o claustral, isto é, "de clérigos e para clérigos".

Neste sentido não devemos esquecer o mosteiro dos Cruzios, em Coimbra, de onde eram mandados alumnos pobres a estudar na Universidade de Paris, e para onde, mais tarde, veio dali um certo D. Mendo abrir a primeira aula de medicina em Coimbra.

Não existia a esse tempo, é possível assegurar, nem o ensino primário, nem o secundário, nem o feminino.

D. Affonso 3º, tendo vivido fóra de Portugal, muito tempo, pôde aquilatar do alto desenvolvimento da instrução nos paizes da Europa, e proporcionou ao seu filho e herdeiro, D. Diniz uma educação superior, parecendo querer preparar um melhor futuro para o ensino português.

Realmente, D. Diniz fundou a celebre Universidade de Coimbra, oppondo deste modo o ensino leigo ao ensino dos mosteiros, até então dominante. O novo instituto foi approvedo pelo Papa em 1290.

A Universidade possuia as cadeiras de medicina, direito romano e canonico, gymnastica, philosophia e musica. A Theologia ficou reservada aos mosteiros dominicanos e franciscanos.

Dessa época até D. João 3º, Coimbra habilitava candidatos aos empregos civis.

Com a Renascença (seculo 16º), surge ao lado da Universidade, o ensino das letras: desenvolve-se o estudo do latim, do grego, do hebraico, da philosophia, da eloquencia e da historia.

No «Collegio das Artes», creado por D. João 3º, o ensino primario não tinha ainda apparecido, muito embora João de Barros já houvesse organizado e divulgado a sua «Cartilha para aprender a ler.»

A Companhia de Jesus, entrando em

Portugal, conseguiu tomar conta do ensino secundario e superior; em consequencia disto, refere J. A. Coelho, «elle desce pasmosamente de nivel».

Aos jesuitas são tambem confiados o Collegio das Artes e a direcção de todas as aulas da Universidade.

D. Catharina, regente do reino durante a menoridade do infortunado rei D. Sebastião, determinou que ninguem se pudesse matricular nas faculdades de canones ou de leis, sem possuir o diploma passado pelo Collegio das Artes.

O Cardeal D. Henrique fundou a Universidade de E'vora, que foi toda jesuitica.

Philippe 3º, porém, tentou destruir todas as escolas, com excepção das duas Universidades de Coimbra e E'vora.

Mas, na propria Universidade de Coimbra, que fóra o abrigo do ensino leigo e progressista, a apostilla havia substituido o raciocinio, a mathematica ficou reduzida a uma cadeira unica e o desenvolvimento da memoria se fazia em detrimento da intelligencia.

Era esta a situação, quando appareceu o Marquez de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Mello), que, como ministro de D. José 1º, fez a reforma do ensino superior e secundario e creou, em 1772, o ensino primario, até então desconhecido.

Como bases fundamentaes da sua criação, o grande ministro decretou o estabelecimento de 479 mestres de leitura, nomeados por meio de um concurso e exame publico, perante a «meza censoria» de Lisboa, e para o fim de ensinarem dentro do reino: a) a fórma da leitura; b) orthographia portugueza e syntaxe; c) as quatro especies de arithmetica e d) o catechismo e as regras de civilidade.

As escolas tinham fiscalização. Aos particulares era permittido terem mestres de sua confiança para seus filhos, comtanto que fossem julgados habilitados pela «meza censoria».

Morto o Marquez de Pombal, cahiu por terra toda a sua organização.

Só depois da implantação do regimen liberal, com o juramento da Constituição por D. João VI e successores, é que se veio a fazer alguma coisa em beneficio do ensino primario popular, já em franca decadencia e ruina.

A lei de 1835 estabelecia o ensino gratuito e publico, o modo mutuo de Bell, a liberdade do ensino particular; creava escolas normaes, tornava obrigatorio o ensino, estabelecia os vencimentos dos professores e dava a estes direito á aposentadoria.

Não passou do papel tão liberal reforma.

Logo no anno seguinte, Silva Passos reformou a lei anterior.

Em 1844, Costa Cabral impoz outra reforma para a instrucção primaria e secundaria, a qual, embora mal executada, vigorou até 1878.

Mais tarde, em 1870, foi creado um ministerio especial de instrucção publica entregue a D. Antonio da Costa, «notavel pelo seu amor á instrucção», o qual procurou introduzir nas escolas officiaes as sciencias physicas e naturaes, o canto e a gymnastica. Estes principios salutaes tambem ficaram só na lei.

Outras reformas posteriores reproduziam as linhas geraes da lei de 1870, sobresahindo entre ellas a de Sampaio, em 1878.

Era assás decadente, nos fins do seculo 19º, a situação do ensino publico em Portugal.

No seculo vigente, porém, este paiz tem procurado acompanhar, embora na medida de suas forças, o grande surto educativo dos paizes europeus e americanos, melhorando e desenvolvendo as suas escolas e o systema geral do seu ensino.

* * A pedagogia portugueza era extremamente pobre de representantes e de obras de valor.

Do seculo passado, apenas se poderia referir o *Tratado de educação physica* de Francisco de Mello Franco; *O verdadeiro methodo de estudar*, de Luiz A. Verney e o *Tratado de educação*, de Almeida Garrett, que, a respeito do assumpto, foi no seu tempo a unica obra systematica, não obstante os defeitos e as omissões que hoje se lhe possam apontar.

Actualmente, porém, outros nomes de pedagogistas lusitanos merecem referencia especial.

Graça Affreixo, Augusto Coelho, Alberto Pimentel, Albano Ramalho, Faria e Vasconcellos e o dr. Alves dos Santos podem ser considerados os mais conscienciosos cultores da Pedagogia portugueza.

* Mas, devemos lançar uma vista de retrospecto acerca dos seus mais celebres pedagogos, a saber: João de Barros, Castilho e João de Deus.

* * João de Barros, insigne historiador portuguez, (1496—1570) (*) escreveu a *Cartilha para aprender a lêr*.

A conhecida cartinha expunha o alphabeto pela ordem natural dos lexicos, e reduzia consideravelmente o systema e a maneira da leitura de seu tempo, a qual era a syllabação antiga.

A primeira cartinha mencionava apenas 22 letras; em edição posterior, apresentava 25 e recommendava uma figura para cada letra, afim de ajudar a memoria. Em seguida, figuravam-se as vogaes com os seus competentes valores.

A' roda de um circulo, apresentavam-se as consoantes, cada uma seguida de todas as vogaes tendo este conselho escripto na circumferencia:

«Meninos, sabeis nesta esphera entrar,
Sabereis syllabando mui bem soletrar.»

Disponha ordenadamente depois, em diferentes quadros, todas as syllabas da lingua portugueza; primeiro, as de duas letras, em seguida, as de trez, finalmente, as de quatro, completando-se tudo com o «Tratado da Doutrina Christã».

Para João de Barros o elemento principal da palavra era a syllaba. O exercicio da syllabação fazia os alumnos chegarem a soletrar e a conhecer o valor das letras.

Mas, com o tempo e a rotina, este methodo foi sendo reduzido a cartilhas baratas, que só auxiliavam a memoria. O *Tratado de doutrina* foi substituido por algumas listas de nomes, sem nenhuma ligação entre si, perdendo assim toda a sua inteireza e coordenação primitiva.

Pelo methodo de soletração antiga, a leitura consistia em denominar cada letra pela ordem dos seus valores, que se supunham constantes. As vogaes, de per si, denominavam-se pelo som aberto e as inflexões (consoantes), umas tinham anteposto o som *é* e outras levavam posposto um *ê*. Assim, eram vogaes *á, é, í, ó, ú*.

Inflexões, com a vogal anteposta: *f, (éfe), l (éle), m (émme), n (énne), r (érre)* e

(*) E? o primeiro donatario da nossa antiga Capitania do Rio Grande.

s (ésse). Inflexões com a vogal posposta : b (bê), c (cê), d (dê), g (gê), p (pê), q (kê), t (tê), v (vê), x (xê) e z (zê).

Era isto o que João de Barros procurava corrigir dando coordenação á arte de ler.

* Antonio Feliciano de Castilho (1800—1875), celebre poeta e prosador, foi o auctor do methodo de ensino, denominado o *portuguez*.

Este litterato, que foi educado no periodo de luctas que restabeleceram em sua patria o regimen constitucional, preparara-se nos principios mais adeantados do liberalismo, que julga a educação a origem mais valiosa e o sustentaculo mais firme da liberdade e da dignidade humana.

As escolas portuguezas de seu tempo eram um verdadeiro cháos; a soletração á antiga era o tormento da infancia.

Castilho provocou uma revolução no ensino, creando o methodo portuguez. Elle punha ahi de parte, inteiramente, a relação entre o nome e o valor das letras, para dar, como deu, a cada uma o nome de uma pessoa ou de um objecto, com os quaes organizava um «conto», em que a graça era um meio de *fixar* e a analogia um meio de *derivar*.

As figuras desse «conto» eram as letras a serem ensinadas, de accordo com as suas peculiaridades.

A *analogia* entre a pessoa ou o objecto, sua figura ou sua sombra, dava o feitiço e o nome á letra, por *onomatopèa*. Assim a chamava-se *mandrião*; *b—boi*; *c—cortezão*, e sempre a seguir.

Castilho recommendava ainda o uso do modo simultaneo puro, a leitura rithmada, o canto, a marcha, o bater-palmas, a alegria, emfim.

Este methodo, que, a principio, agradou geralmente e teve grande disseminação, porque era um tanto curioso o exquisto, foi, mais tarde, reconhecido e desprezado como difficiloso, embora tenha firmado o principio da amenidade no ensino e o da leitura auricular.

* João de Deus (1830-1896), notavel poeta e pedagogista, escreveu a «Cartilha maternal» e creou o *methodo physiologico*.

Elle não se limitava a tomar a syllaba como elemento primario da leitura, tornava tambem «a soletração uma coisa scientifi- camente real.»

Os nomes das letras, para elle, derivavam do seu valor. As *vogaes* valiam os *sous* que produziam e as *invogaes* formavam-se uniformemente do valor dellas mais e (mudo).

As letras se classificavam em :

a) *vogaes* : a, e, i, o, u.

b) *invogaes* : *tonicas* : f, s, (si), c,
x, ch, v, z, g, j.
2º modulares, a saber-

labiaes : m, b, p.

linguo-palataes : l, n, lh, nh.

linguo-dentaes : d, t

gutturaes : g, k, q.

O methodo de João de Deus fazia conhecer e denominar a *invogal* (consoante), por uma vóz, som ou ruido, de facil corre- lação com o valor da letra.

Amplamente divulgado em Portugal e mesmo no Brasil, este methodo apresentou vantajosos resultados na aprendizagem da leitura. Teve imitadores e oppositores e ainda hoje se lhe notam os vestigios em car- tilhas e methodos nacionaes e portuguezes.

Tyrol, —9—919.

NESTOR LIMA.

A educação popular e a sua evolução

Desde a mais remota antiguidade que a educação tem sido um assumpto, em torno do qual giram opiniões as mais controvertidas, conceitos os mais divergentes, de modo a não haver uma idéa segura e bem fundamentada a seu respeito.

Si cogitarmos conhecer a sua origem, teremos, forçosamente, de nos reportar á antiguidade oriental, para, a partir de lá, revermos, um por um, quaes os espiritos que se preoccuparam com esse assumpto.

Mesmo assim, não teríamos talvez uma conclusão definitiva que nos elucidasse a duvida, pois, cada um formulava differen- temente o seu conceito, seguindo as suas idéas.

O facto, porém, é que a educação é uma verdade indiscutivel, que dia á dia, se intensifica e se propaga universalmente por todas as nações, desde as mais cultivadas ás mais rusticas, de accordo com o seu gráo de civilização.

A Educação

Ha tempos passados, era a educação um privilegio da burguezia e da Egreja, sendo para aquella méra distracção e para esta, um meio pelo qual ella podia firmar o seu dominio e governar todas as almas, incutindo-lhes a sua fê e o seu credo.

Os filhos do povo eram considerados indignos desse direito e viviam immersos na mais escura ignorancia.

Somente depois que Luthero, rebelando-se contra o Papado, construiu e effectuou a grande reforma do christianismo, destroçando os grilhões que amordaçavam a liberdade do pensamento, é que para a educação poude surgir um novo sol, que, projectando luz em todas as direcções, veio libertal-a do forte e austero preconceito medieval.

Com a continuação dos tempos, com o resurgimento de idéas novas, quando appareceram os pioneiros dessa grande cruzada que avassallou a humanidade inteira, e com ardor e devotamento, defendiam e propugnavam a educação dos povos e propagavam a necessidade e a importancia de serem instruidos, então os espiritos mais esclarecidos foram se convencendo desta verdade e reagiram contra as supstições e preconceitos que embaraçavam a sua evolução, fazendo a desigualdade das classes.

Muito custou, porém, aos emprehendedores de tão bella e alviçareira investida, uniformizarem a educação, tornando-a accessivel a todos, sem distincção de classe ou de nacionalidades, e salva-la do invencivel predominio religioso.

Essa egualdade educacional que, ha mais de um seculo, vem confraternizando os povos, unindo-os e confundindo-os, de modo a não haver distincção entre as classes sociaes, é devida principalmente a Pestalozzi, espirito altamente nobre, que originario de uma familia extremamente pobre, empregou a maior parte de sua vida na obra extraordinariamente meritoria que o immortalizou, através do mundo civilizado.

Emquanto que a França, incendiada de sul a norte, pelo facho napoleónico, se erguia pelo despotismo, pela desordem e pela anarchia de seus filhos, que obsecados pela terrivel idéa da emancipação, derruiam imperios, aboliavam auctoridades e derogavam lei constituidas, dava-nos um exemplo, que podemos considerar, o mais sangrento da epoca contemporanea, enquanto isto, a Su-

issa se elevava chammejante de luz, acima do nivel, em que as outras nações se achavam, pelo esforço incessante e persistente de um dos seus mais dilectos filhos, e ao contrario, offerencia ao mundo o mais poderoso esforço pela egualdade e pela fraternidade, propagando tenazmente o ensino popular através do grande Pestalozzi.

Si bem que Luthero, o grande reformador do christianismo, já houvesse proclamado a grande necessidade e utilidade desse ensino, é justo dizer que, antes de Pestalozzi, o ensino popular ainda não existia, pois, a escola creada por aquelle reformador não passou de uma simples escola de cathecismo.

Franck, sentindo palpar em seu coração o grande amor por sua patria, abandonou a farda e filiou-se ao clero catholico para, deste modo, tratar da educação dos seus patricios, que viviam immersos na vagabundagem e na otiosidade; Rochow, coadjuvado por Frederico II, da Allemanha, tratou de fundar uma escola, cuja organização baseava-se nas idéas de Luthero, o que não conseguiu devido á forte barreira que lhe oppoz Guilherme II, pois este imperador não admitia uniformidade entre o ensino e a religião. Mas, o facto é que esses dois educadores, seguindo idéas oppostas, tinham em vista propagar o seu credo, tanto assim, que o ensino do cathecismo occupava o primeiro plano.

Foram elles que, pela necessidade de adquirir adeptos para as suas crenças ou condoidos da sorte dos seus patricios, se preoccuparam com a educação popular, oppondo-se ao preconceito de que somente a burguezia merecia ser educada.

Atê então, o ensino era ministrado á revelia dos padres, que, ou não podiam, ou não se incomodavam com a sorte dos alumnos, deixavam-n'os a cargo dos sachristães, que, na maioria dos casos, eram homens ignorantes, analphabetos e viciados, e nenhuma noção possuiam da elevada missão de ensinar.

Quando não era assim, o ensino era professado por fámulos, creados, artistas pobres ou antigos soldados, que, não tendo onde cahir exhaustos pela miseria, prestavam os seus serviços, a troco do alimento que lhes mitigasse a fome, e de trapos que lhes cobrissem o corpo, reunindo as creanças, quase sempre aos Domingos, durante

duas horas, para ensinar-lhes somente leitura soletrada e escripta.

De sorte que, durante muito tempo, o ensino viveu na mais completa estagnação sendo ministrado pelos desprotegidos da sorte, que, alugavam os seus serviços, contando que encontrassem pousada nas casas onde serviam. Também ninguém, que possuísse recurso se sujeitaria a tamanha indignidade, tanto horror inspirava o trabalho da instrução.

Comenius, no século XVII, apresentando a ineficácia dos métodos e processos então applicados, que difficilmente levavam os alumnos á comprehensão das lições ministradas, crêo o methodo inductivo, pelo qual o ensino era dado, partindo do determinado para o indeterminado, do concreto para o abstracto, isto é, ensinava os factos reaes para depois ensinar ás idéas abstractas ou imaginarias.

Mas, este methodo não produziu o effeito desejado, porque o estudo dos factos era feito empiricamente, ficando completamente vedada á creança a parte essencial, que era o conhecimento da causa e dos effeitos dos phenomenos, os quaes só seriam comprehendidos quando a creança chegasse á idade de receber conhecimentos de humanidades.

Rousseau e Básedow, como pedagogos desse mesmo século, quase nada fizeram pela educação propriamente dita, pois, tiveram sempre em vista, educar os remedidos da fortuna, tanto assim que para este ultimo, a creança pobre não devia ser educada, chegando mesmo a dizer: *«que jamais se occuparia com as creanças doentes e miseraveis, inda mesmo que ellas tivessem de viver 80 annos»*.

Em face disto, chegamos á conclusão de que é a Pestalozzi que a humanidade inteira deve a instituição da educação popular, porque foi elle, que rompendo a ignorancia do seu tempo, lutando tenazmente contra todas as perseguições, e sem cogitar de distincção de classe nem de nacionalidades, preconizou-a, legando deste modo, ao mundo o maior exemplo de abnegação.

Foi devido a esse espirito, ardente pelas nobres idéas, que a Suissa, tão pequena, se tornou grande aos olhos do mundo civilizado.

Foi por meio de suas idéas bem fir-

madadas sobre bases solidas, que o ensino poudo sahir da rotina em que jazia, e que a classe proletaria poudo gosar uma vida mais propicia ao seu desenvolvimento.

Curvemo-nos, pois, deante da memoria desse fervoroso educador e procuremos imital-o, tanto na sua modestia, como no seu grande amor pela nobre e elevada missão de ensinar.

Tobias dos Santos.
(4º anno)

A CARIDADE

Jamais poderei falar de tão sublime e elevada virtude. As minhas pallidas phrases, orphãs de poesia, pobres de estylo, são borrões arrancados de um pincel que só teve o impulso do sentimento de uma creatura despida de talentos! Lastimo não terem as minhas phrases o colorido necessario para bem esboçar este quadro tão nobre e admiravel!

Direi, portanto, impellida pela força de vontade que me agita, alguma coisa sobre esta virtude tão apreciavel!

Este nome, que se tornou vulgarissimo em muitos povos christãos, é a manifestação do sentimento da alma, dentro dos moldes da virtude, formada nas altas regiões bemdictas do céu.

A caridade attinge as profundezas de noss'alma! Devemos empregar nossos esforços em acções meritorias; devemos saciar a fome ao faminto, a sede ao sequioso, pousada ao peregrino, e ao naufrago a taboa de salvação, afim de enchermos de regosijo o vacuo do nosso coração.

Subtil como a sombra, ella se introduz na alma abrasada pelo desanimo e a suaviza como o rocío em-